

LUDMILA LEMOS M. CAVALCANTE

**“Construção de um olhar crítico”:
uma proposta de ensino em Artes
Visuais no Ensino Fundamental**

**Brasília
2011**

Ludmila Lemos Mendanha Cavalcante

**“Construção de um olhar crítico”:
uma proposta de ensino em Artes
Visuais no Ensino Fundamental**

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Plásticas, habilitação em Licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a MsC. Rosana de Castro

**Brasília
2011**

*Aos meus pais e às minhas irmãs;
À minha avó Maria Neli, minha tia Maristela e ao meu tio Maximiliano, onde quer que
eles estejam.*

Agradecimentos

À minha família, a melhor definição de amor que alguém pode ter;

Aos meus pais, por terem me passado os mais belos valores e virtudes e pela compreensão;

Às minhas irmãs Larissa e Leilane, pela cumplicidade e amor incondicionais;

Aos amigos antigos, por me influenciarem da melhor forma;

Às freqüentes novas amizades, pelo apoio e carinho;

À Universidade de Brasília, pela oportunidade de viver e pensar o meio acadêmico;

À Prof.^a MsC. Rosana de Castro, pelo apoio e pela dedicação, pela paciência e por ter acreditado no projeto;

Ao Prof. Marcelo Brito, pelas profundas reflexões sobre o Ser e pela atenção em ouvir;

Aos funcionários da secretaria de graduação, em especial o Maurílio pela orientação nos assuntos administrativos e pessoais, e pela admirável disposição e bom-humor;

A todos que acreditaram e acreditam, pela paciência e pelo apoio;

À minha fé.

Minha admiração, meu carinho e meus sinceros agradecimentos.

Sumário

INTRODUÇÃO	06
1 EDUCAÇÃO.....	09
1.1 Educação em Artes Visuais	09
1.2 O Olhar crítico	10
1.3 As Artes Visuais e o olhar crítico	13
1.3.1 <i>Studium e punctum de Barthes</i>	14
2 PROPOSTA DE OFICINA.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
REFERÊNCIA ELETRÔNICA.....	23

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto da minha paixão pela fotografia, aliada aos questionamentos sócio-culturais acerca do mundo em que vivemos, e de um sentimento de inquietação sobre a cidade e sobre a educação em artes visuais. A cidade como ponto de partida para percepção e reflexão do espaço comum e das relações humanas. E a educação como meio de intervir no processo reflexivo, perceptivo, artístico e cultural do aluno.

Justifica-se por entender e propor a fotografia como uma linguagem que possa auxiliar os processos educacionais, em especial, aqueles vinculados às artes visuais, tornando, a fotografia, mais acessível e ampla (com a intenção de que se consiga atingir o máximo de pessoas). E é dessa proposição que surgem as questões ou problemas que subsidiaram o desenvolvimento desse TCC. Trata-se, portanto, de uma série de questões atuais como tecnologia, meio social e virtual, internet e mídias sociais, imagem e estética, comportamento e senso crítico, observação e análise. Aqui tais questões serão consideradas no âmbito geral da educação, como elementos decorrentes do processo e que, por isso, não podem ser ignorados nem pelo educador nem pelo aluno. Porém não há a intenção de discorrer sobre cada um em particular.

Para buscar respostas, estabelecemos o objetivo geral de analisar as possibilidades de desenvolver atividades educacionais, que fomentem diálogos sociais e culturais por meio da linguagem fotográfica. No que diz respeito aos objetivos específicos, as metas foram: relacionar os conceitos de *studium* e *punctum*, fomentar o uso da fotografia em processos educacionais, promover o intercâmbio de reflexões acerca do tema entre o ambiente acadêmico e a educação básica.

O foco educacional dessa pesquisa está ligado às discussões sobre possibilidades de educar-se o olhar para crítica utilizando-se os parâmetros da arte de fotografar. Aqui entendemos Educação num sentido mais abrangente - não somente aquele que emerge do ambiente escolar. Sendo assim, para nortear a discussão proposta, estabelecemos dois conceitos centrais: educação e olhar crítico, discutidos na primeira seção.

Na seção I, portanto, será discutida de que maneira, sob ponto de vista particular, o conceito de educação deve ser tratado quando relacionado à sala de aula, utilizando-se o viés da linguagem fotográfica como meio de avançar a discussão. Nesta mesma seção, abordaremos o conceito de olhar crítico e de que modo tal conceito pode estar relacionado com educação e com a arte de fotografar. Norteando a discussão serão destacados os conceitos trazidos por Roland Barthes em seu livro “A câmara clara”: o *studium* e o *punctum*. Conceitos que são aplicados numa proposta educacional baseada no processo educacional do pensar e do fazer fotográficos e que constituíram a base da proposta de oficina elaborada para compor a presente pesquisa de conclusão de curso.

Na seção II, apresentamos uma proposta de oficina, cujos objetivos específicos são: introduzir conceitos e técnicas fotográficas, desenvolver o olhar crítico-fotográfico, a sensibilidade visual e o pensar fotográfico, produzir e refletir sobre imagens, analisar fotografias dos outros alunos: aprender a criticar e a receber críticas. O público-alvo são turmas de 6º ano do ensino fundamental, onde se espera, através da oficina proposta, obter resultados no campo das Artes e da fotografia e também no que tange os valores sociais.

Por fim, trago algumas considerações finais e questões para reflexão que podem resultar em propostas de pesquisa a ser realizada em outros níveis de formação acadêmica.

“Cidade é a expressão palpável da necessidade humana de contato, comunicação, organização e troca, - numa determinada circunstância físico-social e num contexto histórico.”

Lúcio Costa

1. EDUCAÇÃO

Conceitualmente, Ferreira afirma que:

educação. [Do lat. *educatio*.] **S. f. 1.** Ato ou efeito de educar (-se). **2.** Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social. **3.** Os conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo; preparo. **7.** Conhecimento e prática dos usos de sociedade; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia. (1999, p. 718)

Educação compreende o processo de aprendizagem, a apreensão de conhecimentos e o desenvolvimento em diversas esferas humanas, em âmbito pessoal, social e global. Ferreira apresenta a educação relacionando-a às questões morais, necessárias à integração do ser humano ao meio comum, ao espaço habitado. Se nos propusermos a refletir sobre os verbetes 2 e 7 aplicados ao espaço escolar, podemos relacioná-los à educação de base e aos valores sociais, associados à importância do ambiente familiar no processo educacional. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais os conceitos sociais e de cidadania, o posicionamento crítico e os valores são objetivos propostos de forma a serem construídos entre escola, família e comunidade. Assim, os resultados serão refletidos nas relações dentro de casa, na comunidade, com a escola, com a sociedade, tornando esses jovens adultos conscientes e cidadãos.

1.1. Educação em Artes Visuais

A relação entre arte e educação é muito estreita e por vezes imperceptível pela sociedade e pelos educadores. O Parâmetro Curricular Nacional estabelece em seus fundamentos: “... arte em suas dimensões de criação, apreciação, comunicação, constituindo-se em um espaço de reflexão e diálogo, e possibilitando aos alunos entender e posicionar-se diante dos conteúdos artísticos, estéticos e culturais incluindo as questões sociais...” (PCN, 1998, p. 15).

No que se refere a essa relação da arte com o ser humano, ao explicar os fundamentos do PCN, seus elaboradores destacam a evidência no ensino e na

aprendizagem, e ainda na compreensão da arte, como manifestação humana. E ainda:

Após muitos debates e manifestações de educadores, a atual legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, incluindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica. No ensino fundamental a Arte passa a vigorar como área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens e visa à formação artística e estética dos alunos. (1998, p. 19)

Visto que a Arte e a Educação se inter-relacionam e que são intrínsecas ao ser, a disciplina de Artes vem desenvolver e aflorar as capacidades de compreensão e reflexão sobre o mundo, a fim de provocar nos alunos uma maior vontade de aprender e de produzir. Interessante ainda seria se, através das Artes, o aluno despertasse o seu interesse pelo ensino de forma mais abrangente. E é nesse ponto que o projeto de oficina proposta no presente TCC pretende atuar. Por meio da fotografia e da Arte, procura atentar o aluno para a importância do conhecimento, instigá-lo à curiosidade e à criação e inquietá-lo a fim de que pense o seu ambiente e produza culturalmente e artisticamente.

Propondo ainda uma reflexão sobre arte e educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais colocam em questionamento perguntas de grande importância e que devem ser feitas por professores e educadores que pretendem trabalhar com arte nas escolas. “Que tipo de conhecimento caracteriza a arte?”, “Qual a função da arte na sociedade?”, “Qual a contribuição específica que a arte traz para a educação do ser humano?”, “Como as contribuições da arte podem ser significativas e vivas dentro da escola?” e “Como se aprende a criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?”. Perguntas “... que fundamentam a atividade pedagógica...” (PCN, 1998, p. 22).

1.2. O OLHAR CRÍTICO

No processo de ensino e de construção do pensar fotográfico, os valores vão sendo apreendidos pelo aluno na medida em que ele exercita o olhar e associa os

conceitos transmitidos em sala de aula às suas experiências individuais e sociais, nos diversos ambientes por onde transita. O olhar crítico é uma seleção e um pensar sobre as coisas, sobre os acontecimentos, é o constante exercício, consciente ou não, de olhar, observar, investigar, saber, pesquisar, ler, produzir, dialogar, refletir e entender, buscando sempre o questionamento.

Nesse caminho o aluno irá se deparar com uma gama de elementos visuais. A diversidade desses elementos encontrados, perdidos, abandonados na cidade configura uma estética atraente dentro da paisagem urbana: “Para mim, as fotografias de paisagens (urbanas ou campestres) devem ser *habitáveis*, e não visitáveis” (BARTHES, 1984, p. 63). “Isso porque pretendemos examinar imagens bem simples, as imagens do *espaço feliz*... Visam determinar o valor humano dos espaços de posse,..., dos espaços amados.” (BACHELARD, 1993, p. 19). Não se atendo somente às fotografias de paisagens, a intenção aqui é citar Roland Barthes e sua relação com a fotografia, com os sentimentos e especialmente com a seleção dos objetos fotografados. A fim de enriquecer o pensar sobre os espaços e as fotografias, quando ele fala dos espaços vivenciados, os espaços vividos e habitados pelas pessoas, pelos objetos, pelas ações. Barthes traz ainda uma relação muito pertinente entre fotografia, espaços e valor humano. Essas três palavras configuram uma maneira de construir o olhar crítico do aluno em sala de aula.

Berger fala sobre essa grande quantidade de elementos visuais, imagens e informações na qual estamos inseridos e que é inevitável olhar, ver e sentir tudo isso. Porém há um recorte, uma seleção natural do olhar: “Sempre que olhamos uma fotografia tomamos consciência, mesmo que vagamente, de que o fotógrafo seleccionou (*sic*) aquela vista de entre uma infinidade de outras vistas possíveis...” (1972, p. 14).

Donis Dondis, por sua vez, traz a questão dos elementos visuais básicos que constituem todas as outras composições visuais:

Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos, e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. Por poucos que sejam, são matéria-prima de toda informação visual em termos de opções e combinações seletivas. A estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos visuais estão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre. (1997, p. 51)

Além da infinidade de elementos, atualmente a grande acessibilidade de câmeras digitais, celulares, internet e o bombardeio de imagens, vindas de todos os tipos de mídia permite o acesso fácil e rápido a qualquer tipo de imagem e informação. Fotografar é um sempre uma secção do mundo, um recorte do olhar sensível. A fotografia como exercício cotidiano do olhar curioso que vai se tornando apurado e atento, capaz de mudar atitudes e visões acerca do meio no qual se vive, pode transformar o aluno em um ser crítico, pensante.

A oficina propõe o estudo da Arte por meio da fotografia, exercitando-se o olhar e atentando-se aos espaços habitados. Tendo em vista esse contexto escolar espera-se trabalhar com diversas linguagens que possam dialogar com a fotografia. Tais como as intervenções urbanas, o *grafitte*, as interações entre o homem e o espaço que a ele pertence é comum a todas as pessoas. Estudar as relações entre espaço e as formas de apropriação traz ao aluno uma visão não somente fotográfica, mas sócio-política e ambiental de tudo que o cerca.

A Arte, a Fotografia, a sensibilidade e a percepção sobre a paisagem urbana e sobre o que nos cerca; todo esse conjunto, atrelado às cores vibrantes, às texturas e às mensagens político-sociais e culturais trazidas pelo grafite foi o ponto de partida para as pesquisas sensório-visuais desenvolvidas no campo da urbe, em pesquisa anterior, e que se pretende ampliar para as aulas de artes visuais. “Ocupar a rua com cultura é dar vida ao espaço-trajeto, é fazê-lo existir, ser percebido, é dar consciência social e estética para os cidadãos.”¹

Uma análise do espaço vivido, observado e fotografado, o espaço urbano, a cidade. Sobre esse interesse a respeito de certas imagens, de certos elementos, e em fotografá-los: é algo sensível, assim como são as emoções. O que traz interesse a uma pessoa pode ser insignificante à outra.

¹ TSUDA. Espaço público da arte. **Opinião**, Comportamento, São Paulo, junho, 2010. Disponível em: <<http://colunistas.yahoo.net/posts/2509.html>>. Acesso em: 02 de junho de 2010.

Nunca olhamos para uma só coisa de cada vez; estamos sempre a ver a relação entre coisas e nós próprios. A nossa visão está em constante actividade (*sic*), sempre em movimento, sempre captando coisas num círculo à sua volta, constituindo aquilo que nos é presente, tal como somos. (BERGER, 1972, p. 13)

Uma relação intensa com a paisagem urbana, onde tudo é visual e vivencial, experimentação fotográfica e composicional:

Começamos a nos dar conta de como é agradável a sensação do espaço. Ocupamos as ruas como quem ocupa uma casa de show ou um bar. Ou mesmo uma casa de amigos. Saímos do modo automático, e entramos no modo ativo. Atento a tudo que nos circunda. (TSUDA, Disponível em: <<http://colunistas.yahoo.net/posts/2509.html>>, 2010).

1.3. As Artes Visuais e o olhar crítico

Espera-se do estudo das Artes Visuais que o aluno possa desenvolver uma interpretação diferenciada e um pensamento crítico acerca dos elementos visuais e sociais do mundo em que vivemos. A apresentação e a análise dos elementos visuais, das formas de linguagem, dos diferentes tipos de expressões culturais e artísticas, que tudo isso possa transformar a forma como o sujeito percebe sua realidade e a modifica, e dialoga com ela. Por meio dessa interação com a vivência é que o olhar crítico é capaz de formar-se e apurar-se.

Através das Artes Visuais espera-se estabelecer uma relação com o sensível, com o lúdico. O aprendizado pode acontecer da maneira mais natural e prazerosa, por meio de uma conexão com a realidade do aluno, com as experiências vividas dentro e fora de sala de aula.

Na oficina proposta para trabalhar com fotografia, a relação que se pretende estabelecer é íntima com o espaço habitado pelo ser, a atenção e o respeito a esse espaço, às pessoas, ao movimento das coisas, a edição do olhar. Da oficina, é esperado que se construam valores referentes à cidadania e à educação ambiental, à convivência em grupo e à educação de base, derivadas de um olhar cuidadoso ao espaço habitado e comum.

“O excesso de espaço sufoca-nos muito mais do que a sua falta” (SUPERVIELLE *apud* BACHELARD, 1993, p. 223). Entende-se de um sufocamento que causa inquietação, que provoca análise, que faz o olhar trabalhar em tempo integral. Tudo é imagem, o espaço é também um espaço de reflexão, onde nos é permitido e pedido um olhar atento, cuidadoso e, por consequência, seletivo. Um lugar de múltiplas possibilidades, que permite uma infinidade de vivências e experiências. Vai além do físico, afetando a todos psicologicamente, envolvendo-os inevitavelmente e à nossa sensorialidade.

Vejo fotos por toda parte, como todo mundo hoje em dia, elas vêm do mundo para mim, sem que eu peça; não passam de “imagens”... Todavia, entre as que foram avaliadas, apreciadas... eu constatava que algumas provocavam em mim pequenos júbilos... (BARTHES, 1984, p.31-32)

Trata-se de um espaço comum, de todos e de ninguém. Onde as coisas acontecem, onde elas se desenvolvem, onde tudo é possível, tudo está exposto mas nem tudo é percebido: um constante exercício de reflexão e de edição do olhar. A intimidade proporcionada também nos espaços comuns, como no trecho de Bachelard: “O exterior e o interior são ambos *íntimos*; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade.” (BACHELARD, 1993, p. 221)

Dessa relação consciente com o espaço comum espera-se trabalhar questões mais profundas, de comportamento, sociais e humanas, criando um ambiente de aprendizagem favorável e confortável, onde alunos e professores possam se sentir à vontade para dialogar e aprender. Nesse ambiente os ensinamentos vão sendo passados, abrindo caminho para o pensar artístico, crítico, e consequentemente o olhar atento e apurado sobre as coisas do mundo.

1.3.1. *Studium e Punctum*, de Barthes

O estudo e a investigação da Fotografia, derivadas do dilema e do desconforto são para Barthes assim: “... em vez de seguir o caminho de uma ontologia formal (de uma Lógica)... eu queria aprofundá-la, não como uma questão

(um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho, penso.” (BARTHES, 1984, p. 39). Esse é o início do processo de descoberta do *punctum*. Todo o interesse e a atração pela Fotografia não podem apenas alcançar o campo da Lógica, é muito mais profundo e sensível, lúdico e emocional. Está ligado àquilo que se percebe e que não se consegue (nem se deve) ignorar. Reflete-se, fere, sente-se. É o que mexe, incomoda, provoca a desordem dos pensamentos e dos sentimentos, fazendo-nos refletir. É como a Arte: capaz de inquietar e fazer pensar.

Barthes desenvolve dois conceitos: *studium* e *punctum*. *Studium* é a palavra, em latim, que pode exprimir essa espécie de interesse humano e vem significar “... a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, é verdade, mas sem acuidade particular.” (p. 45). É o campo da familiaridade, que remete à informação clássica através da qual se podem gerar milhares de fotos (aquelas que existem por toda parte, que vêm do mundo para nós, sem que peçamos), e que pode nos despertar um interesse geral.

Punctum é o elemento que vem contrariar o *studium*. De forma que não se procura o *punctum*, “... é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar.” É a ferida, a picada, que segue a ideia de pontuação. “*Punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte...” É o detalhe que atrai ou fere, que punge. “O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere).” (p. 46).

Uma vez que Barthes nos traz conceitos poéticos, mostrando-nos outra forma de analisar e sentir a fotografia, faço aqui uma análise com o objetivo desse projeto-oficina: transportar o aluno do *studium* para o seu *punctum* individual; ou seja, tentar organizar a gama das informações imagéticas apreendidas, transformando-as em produção cultural e artística, estimulando o pensar e o olhar crítico. *Studium* e *punctum* são formas de conectar mundo real e sentimento, concreto e abstrato, geral e específico, olhar amplo e olhar crítico.

O *punctum* é a percepção dos detalhes, de pequenas atitudes, das coisas mais simples que pungem e ferem no caos da cidade, das imagens, do cotidiano.

“... a imensa desordem dos objetos – de todos os objetos do mundo: por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?”

Roland Barthes

2. PROPOSTA DE OFICINA

A proposta para a oficina fotográfica intitulada “Construção de um olhar crítico através da fotografia” foi elaborada inicialmente para turmas do 6º ano do ensino fundamental e considerou-se um período de 20 horas-aulas, sendo cinco aulas com quatro horas de duração cada uma. O nome oficina foi assim atribuído porque as atividades propostas têm intenção de ir além da técnica e da prática, como já explicado nos tópicos anteriores. O objetivo é mais amplo e pretende abranger ainda teoria, análise e crítica.

No primeiro encontro será apresentado o planejamento da oficina, assim como a professora aos alunos e vice-versa. Nesse primeiro contato serão trabalhados os conceitos iniciais e um breve histórico sobre a fotografia, para a descoberta do processo fotográfico na história e fazer uso dessa cronologia para introduzir conceitos técnicos acerca do “escrever com a luz”, apresentando à turma a primeira câmera fotográfica: a câmera escura. E instigando-os a descobrir os primeiros resultados físicos que esse artefato proporciona. Uma câmera escura artesanal será levada para que os alunos observem-na e já serão pedidos os materiais para a confecção delas na próxima aula. Nesse primeiro contato é indicada ainda uma conversa mais descontraída, a fim de saber o nível de interesse que o assunto gera nos alunos e o que eles esperam da oficina de uma forma geral.

As duas próximas aulas serão dedicadas à confecção das câmeras escuras e à experimentação dentro de sala de aula e em ambientes externos (espaço físico disponível na escola) com a câmera. O objetivo é que o aluno descubra os fundamentos de uma máquina fotográfica, como a imagem se forma e, ao utilizar a câmera, automaticamente ele a apontará para aquilo que lhe for mais interessante, iniciando-se o processo de seleção e enquadramento. Ao final da terceira aula será pedido aos alunos que levem na próxima aula uma fotografia ou imagem de sua autoria ou não, de que goste ou que se interesse por. Além de qualquer câmera fotográfica, para posterior atividade prática.

A aula de número 4 será desenvolvida a partir das fotografias trazidas pelos alunos. Em um grande grupo, a idéia é falar de maneira simples e descontraída sobre essa imagem escolhida. Paralelamente a essa atividade espera-se iniciar o

entendimento sobre o *punctum* sem mencioná-lo literalmente, de maneira que os alunos compreendam a essência do termo. Posteriormente poderemos trabalhar trechos do livro de Barthes “A câmara clara” que falem do *punctum* e do *studium*, inserindo a leitura do texto. Seguindo com as fotografias dos alunos, pensar o porquê da escolha, os sentimentos que elas provocam, os elementos que chamam a atenção e tentar retirar o máximo de informações visuais e/ou sensoriais das imagens compartilhadas por cada um, inclusive pelo professor. Depois dessa análise em grupo, direcioná-los a outra atividade prática: um ensaio fotográfico sobre a escola – desde os materiais escolares pessoais até todo o espaço físico da escola, inclusive as pessoas que convivem diariamente nesse ambiente. Deverão ser escolhidas três fotos para uma mini-exposição que será realizada na última aula.

Na quinta e última aula da oficina de fotografia ocorrerá uma exposição das fotos de cada aluno, selecionadas dos ensaios sobre a escola. Assim como um debate sobre a experiência de fotografar um ambiente visto e vivenciado diariamente, o que o olhar escolheu para enquadrar e como isso se deu. Aproveitando o contexto podem-se desenvolver ainda questões sobre seleção de imagens (dentre o bombardeio imagético no qual estamos inseridos) e edição do olhar.

A proposta de oficina descrita nesse TCC deve ser vista como uma introdução ao ensino da fotografia, levando aos alunos as ferramentas básicas da referida linguagem e de certa forma plantando neles o interesse pela Arte e pelo olhar crítico. Podendo-se dar continuidade ao projeto-oficina, uma infinidade de atividades e questões que podem ser sugeridas e trabalhadas com a finalidade de instigar e transformar o maior número possível de jovens. A avaliação dar-se-á pela participação nas atividades propostas.

Aula-oficina de Fotografia – “Construção de um olhar crítico através da fotografia”

Carga-Horária: 20 horas, sendo cinco aulas com 4 horas de duração cada.

Objetivo Geral: Teoria, análise e crítica em artes, através da fotografia.

Objetivos Específicos: Construir a câmara escura artesanal, observar como ela funciona e como a imagem se forma e propor reflexões sobre as imagens selecionadas (fotografias).

Metodologia: Aula expositiva, apresentação de imagens em slides, passeios pelo ambiente escolar pra estimular o olhar, participação em grupo (exposição das fotografias dos próprios alunos).

Recursos e equipamentos: Sala de aula, ambiente físico escolar para aulas externas, computador para apresentações em *power point*, materiais para confecção das câmeras escuras artesanais

Cronograma/ Conteúdo:

Aula 1

- *Apresentação;
- *Conceitos iniciais;
- *Breve histórico sobre a fotografia (teoria e imagens);
- *Introdução sobre a câmara escura artesanal;
- *Materiais para a confecção das câmeras escuras artesanais

Aula 2

- *Como fazer uma câmara escura artesanal;
- *Confecção das câmeras escuras artesanais;

Aula 3

- *Finalização da confecção das câmeras escuras artesanais;
- *Pedir que os alunos levem uma fotografia (própria ou não) revelada, e que seja dos seus gostos;
- *Pedir que levem também uma câmara, digital ou analógica, de celular, etc.

Aula 4

- *Análise-discussão sobre as fotos escolhidas;
- *Exercício: um olhar sobre a escola;
- *Para casa: pedir que fotografem suas casas, suas ruas, seus bairros, suas comunidades. E dessas escolher 3 fotos.

Aula 5

- * Exposição das fotografias;
- * Questão da seleção e da edição;
- * *Feedback* dos alunos sobre o processo e sobre as imagens produzidas por eles: debate final.

Materiais necessários para a confecção da câmera escura artesanal:

- Papel cartão preto;
- Papel translúcido (vegetal);
- Lente de aumento (lupa);
- Fita isolante ou durex;
- Tesoura, estilete, régua.

Avaliação Parcial: A cada aula o aluno será avaliado quanto a sua participação individual e em grupo, quanto à presença e quanto ao comportamento em sala de aula.

Avaliação Final: Ao final da oficina a avaliação dar-se-á pelo conjunto das avaliações parciais, porém, sempre dando ênfase à participação do aluno no geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha relação com a fotografia foi desde sempre muito intensa, especialmente quando, na Universidade, tive que optar por uma linguagem e aprofundá-la. Daí em diante minhas pesquisas se encaminharam nessa área. Arte, Educação e Fotografia uniram-se então quando cursava o Bacharelado paralelamente à Licenciatura. Percebia o quanto a Arte poderia contribuir para a Educação. Acreditando que, assim como a Arte havia despertado em mim interesses e visões críticas, da mesma forma ela poderia causar tal efeito em muitos outros jovens estudantes.

A pesquisa, por si só é um processo complexo e demorado, mas quando se trata de um estudo acerca de uma experiência pessoal, de uma técnica de trabalho, de um desenvolvimento de linguagem – algo que há alguns anos foi-se aprendendo e aprimorando no ambiente acadêmico – dessa forma torna-se mais fluida e fácil. Assim aconteceu com a monografia do Bacharelado. Por outro lado, uma pesquisa que tem como temática a Educação e a prática de trabalho em sala de aula, de desenvolvimento de um processo de aprendizagem, exige uma imersão no campo da Educação.

Aliar o prazer da fotografia à vontade de tornar esse prazer plural, objetivando-se alcançar os jovens em sala de aula, ou seja, unir a prática pessoal ao ensino da Arte em sala de aula. Esse foi o desafio e assim desenvolveu-se essa pesquisa e o projeto de oficina, esperando que, na prática, esses alunos possam enxergar com novos olhos o mundo que os cerca.

De tudo isso parte, ainda, um interesse em dar continuidade à temática Arte – Fotografia - Educação, dentro do ambiente acadêmico, podendo aprofundar a pesquisa em outros níveis superiores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242 p.

BARTHES, Roland. **A Câmara clara: Nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185 p.

BERGER, John. **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1982. 167 p.

DONDIS, Donis A.; CAMARGO, Jefferson Luiz (Trad.). **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 236 p.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001. 362 p.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. 170 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998. 116 p.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA

TSUDA. Espaço público da arte. **Opinião**, Comportamento, São Paulo, junho, 2010. Disponível em: <<http://colunistas.yahoo.net/posts/2509.html>>. Acesso em: 02 de junho de 2010.